

Autor: Goes

## Cristian Góes revela "Comunidade invisível" publicado pela Ponte Editora



O investigador e jornalista [José Cristian Góes](#) é autor do mais recente livro publicado pela Ponte Editora. O livro "A comunidade invisível" é resultado de uma extensa investigação sobre os primeiros vinte anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A publicação estará disponível para venda, a partir de março, no site da Ponte Editora, podendo ser adquirido em formato de e-book ou na versão impressa.

O livro intitulado ***A Comunidade Invisível: jornalismo, identidades e a rejeição dos povos de língua portuguesa no Brasil***, que promete "causar polémica", parte da tese de doutoramento em Comunicação e Sociabilidade que Cristian Góes realizou na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesta publicação o autor também reúne uma coletânea de artigos de opinião científica publicados semanalmente ao longo de mais de um ano neste jornal. De destacar que José Cristian Góes foi até ao passado dia 1 de janeiro de 2021, o Editor-chefe d' A Pátria – Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa, propriedade da ponte Editora. Atualmente mantém diversas colaborações com a Ponte Editora, nomeadamente com A Pátria, enquanto colunista residente, e integra o comité científico da Herança – Revista de História, Património e Cultura.

De acordo com nota enviada, o autor revela que, desde a origem da CPLP, "os dois principais jornais brasileiros, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, praticamente não noticiaram essa comunidade da qual o Brasil é parte. Além de não noticiar, esses dois jornais apresentaram um regime de visibilização sobre a CPLP que sugere a sua rejeição pelo Brasil". O autor aborda em livro as possíveis causas desse "não reconhecimento

e do desprezo brasileiro da lusofonia”. O livro faz referência às questões sobre as identidades, comunidades, racismo, o encontro com o Outro. Na obra, o autor entende o jornalismo como um movimento político que faz ver e falar e, principalmente, faz apagar e calar. O livro conta ainda com dois textos críticos dos investigadores Elton Antunes (Professor-doutor na Universidade de Minas Gerais) e Vitor de Sousa (investigador no CECS, Universidade do Minho). Elton Antunes refere que a partir deste livro, lemos o gesto (de Cristian Goés) e da “nossa responsabilidade política com pensamentos e práticas pós-coloniais”. Já Vitor de Sousa destaca que, “o caminho para uma história crítica e inclusiva não passará, certamente, pelo apagamento ou negação de partes da história”.

A Ponte Editora está neste momento a preparar a apresentação pública do livro que merecerá uma apresentação com transmissão online, a revelar oportunamente. A organização reitera o agradecimento pela colaboração do autor e endereça os votos “de maiores sucessos, felicidades e profícuas realizações”.

Cristian Goés é doutor em Comunicação e Sociabilidade pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com doutoramento sanduíche na Universidade do Minho, Braga, Portugal. É mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e jornalista formado pela Universidade Tiradentes (Unit). É especialista em Gestão Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e especialista em Comunicação na Gestão de Crise pela Universidade Gama Filho (UGF). Colabora com A Pátria, o Jornal da Comunidade Científica de Língua Portuguesa, e com outras publicações. É pesquisador no Laboratório de Jornalismo (Lejor) da UFS.

**CRISTIAN GÓES**

**A COMUNIDADE INVISÍVEL**

**JORNALISMO, IDENTIDADES E A REJEIÇÃO DOS POVOS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL**

**A COMUNIDADE INVISÍVEL**

**CRISTIAN GÓES**

O livro *A comunidade invisível* é resultado de uma longa investigação sobre os primeiros 20 anos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Nele, o autor revela que os dois principais jornais brasileiros, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, praticamente não noticiaram essa comunidade da qual o Brasil é parte. Além disso, eles apresentaram um *regime de invisibilização* nas duas décadas que sugere a rejeição dos vínculos do Brasil com os povos dessa comunidade. O autor discute o porquê do não reconhecimento e do desprezo brasileiro pela lusofonia. Ele trata das identidades, comunidades, globalização, racismo. No livro, o jornalismo é entendido como um movimento político que faz falar e ver e, principalmente, faz calar e apagar.

*"Na lusofonia, cruzamos o Atlântico apenas em direção a um Portugal que se quer Europa e que também se vê apenas de espaldas nas implicações do colonialismo ultramarino. O livro de Cristian contraria esse movimento e segue o caminho de uma pesquisa necessária: a primeira qualidade na escrita e destacada clareza e consistência são características desse pesquisador-jornalista da melhor cepa. Mas, é importante frisar, não se trata apenas de uma serena da escrita académica, diz sim de um outro gesto, o da nossa responsabilidade política com pensamentos e práticas pós-coloniais".*

Elton Antunes  
Professor-Doutor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

ISBN 978-999-9820-6-8  
9 789999 982068

ponteditora

ponteditora

Cristian Goés escreveu que “a experiência do invisível talvez impeça que reconheçamos a *Nós Mesmos*. Por isso, no caso específico da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a invisibilização construída pelos dois maiores jornais brasileiros (*Folha de S. Paulo* e *O Globo*) não está em África e no Timor-Leste. O que fica mais invisível é o próprio Brasil, o *Nós Mesmos*”.

Dessa forma, que relação poderíamos perceber entre a luta da elite brasileira (representada nos dois jornais que Cristian Goés investiga) para não se reconhecer como *comunitária* lusófona que agora lhe é apertado (porque a maioria dos povos da lusofonia é africana), e a ideia de ‘portugalidade’? Onde se encontram a invisibilização da comunidade no Brasil e a ‘portugalidade’?

O facto é que a lusofonia, no Brasil, para além de passar ao lado do discurso dos *novos*, não integra a dinâmica social, numa conclusão rápida que se pode tirar da leitura de vários estudos sobre o assunto, nomeadamente no domínio universitário. Ela vai-se fazendo, no entanto, fora da política, desenvolvendo-se ao nível das sinergias entre universidades brasileiras e portuguesas.

O caminho para uma história crítica e inclusiva não passará, certamente, pelo apagamento ou negação de partes da história. No caso da lusofonia, num tempo globalizado, ela deve ser vista como uma possibilidade intercultural, transcultural, crítica e inclusiva, em oposição à globalização cosmopolita.

Vitor de Sousa  
Investigador no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho, Braga.



**Data de Publicação:** 25-02-2021